

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 10

# A REVOLUÇÃO FRANCESA E A PENÍNSULA IBÉRICA



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1988

social estivessem apontadas para outras direcções que não o extermínio ou condenação dos supostos agentes de Satanás.

Termina o seu percurso concluindo que a visão mágica do mundo domina toda a sociedade portuguesa de quinhentos, não sendo no entanto uniformes as interpretações mágicas desse mesmo mundo.

Esta obra de alguma maneira abriu um ciclo na historiografia portuguesa, pelo arejamento de perspectivas que encerra, pela temática que aborda, pelo modelo teórico-metodológico que pressupõe, ao qual não é alheia a ideia de interdisciplinaridade que nos parece fundamental em qualquer tentativa de interpretação séria do fenómeno da magia.

O estudo desta temática no que diz respeito a outras épocas, como os séculos XVII e XVIII encontra-se ainda por fazer. A visão do homem mágico ao nível popular, difícil de detectar como o próprio autor reconhece, pela escassez de informações disponíveis, mantém-na oculta. A análise do fenómeno ao nível mais restrito das pequenas comunidades, principalmente o buscar de uma inteligibilidade para as acusações de feitiçaria que decerto resultaram de uma complexa vivência comunitária plena de solidariedade e pulsões, que seguramente trará resultados curiosíssimos, está por empreender.

Se a solidez, o rigor e arejamento deste «Imaginário da Magia» frutificar noutros trabalhos de idêntico cariz, bem como por tudo o que fica dito, penso poder afirmar-se que estaremos perante uma obra chave no panorama da historiografia nacional.

*José Pedro de Matos Paiva*

Joaquim de Carvalho, *Obra Completa*, 5 vols., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978-1985. O vol. I (XXIV+431 p.) apareceu em 1978; o vol. II (XX+594 p.) em 1981; o vol. III (XXVII+664 p.) em 1982; o vol. IV (XXXI+700 p.) em 1983; e o vol. V (XXVI+719 p.) em 1987.

Joaquim de Carvalho, licenciado em Direito e em Letras pela Universidade de Coimbra e doutorado em 1917 por esta Faculdade com uma tese sobre António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença (Coimbra, 1916), nasceu na Figueira da Foz a 10 de Junho de 1892 e faleceu em Coimbra a 27 de Outubro de 1958. Em 1918 publicou a sua tese sobre Leão Hebreu que elaborou para ascender ao magistério universitário. Revelou-se durante toda a sua vida um estudioso incansável e um

investigador de elevado merecimento. A sua acção como mestre universitário foi reconhecida unanimemente pelos seus colegas e discípulos. Como escreve o Prof. Pina Martins: «Até à data da sua morte nunca deixou de ensinar e de investigar no domínio da História do pensamento filosófico em Portugal e na Europa, tendo-se distinguido como um dos maiores mestres da Velha *Alma Mater* e certamente o maior historiador da cultura portuguesa no presente século».

Tendo sido nomeado Administrador da Imprensa da Universidade, promoveu de 1921 a 1934, ano em que foi extinta, a edição de grande número de obras importantes. Fundou e dirigiu uma Biblioteca Filosófica editada pela Livraria Atlântida e criou uma Revista Filosófica que durou oito anos, tendo desaparecido com ele.

Autores célebres do pensamento filosófico e do domínio da história da cultura mereceram-lhe uma dedicação muito particular, como Pedro Nunes, Francisco Sanches, Luís António Verne e Antero de Quental, mas podemos dizer que «estendeu a muitos outros curiosidade intelectual, tendo-nos deixado uma obra de profunda reflexão filosófica, de pesquisa histórica e de especulação crítica cuja importância lhe deu prestígio incomparável não apenas entre nós mas também nos países mais cultos da Europa e da América», diz ainda o Prof. Pina Martins.

Vale a pena transcrever algumas passagens da introdução geral feita pelo Prof. Doutor Pina Martins à obra de Joaquim de Carvalho, na qual magistralmente põe em destaque algumas facetas da personalidade do ilustre professor da Faculdade de Letras. Logo a abrir, lê-se: «Historiador da Filosofia e da Cultura, pensador e ensaísta, erudito e professor, Joaquim de Carvalho foi, nas quatro décadas que vão de 1918 a 1958, ano da sua morte, uma das maiores figuras, em Portugal, dos estudos a que se dedicou, e em todos estes domínios do *scibile* deixou a marca duradoura da sua personalidade de excepção. Como historiador da Filosofia e da Cultura, não vejo quem se possa comparar com ele tanto na vastidão dos conhecimentos como na profundidade e na originalidade com que os organizou, sempre com o mais escrupuloso respeito das perspectivas sincrónicas da evolução das ideias e dos factos culturais. Este respeito rigoroso pelo carácter histórico do pensamento já levou críticos apressados e superficiais a sustentar que Joaquim de Carvalho não foi filósofo. Só pela ignorância da historicidade essencial de todo o pensamento metódico é que será possível visar Joaquim de Carvalho para lhe formular um tal reparo. É verdade que ele se abstinha intencionalmente de perder o seu tempo em jogos estéreis de categorias, que às vezes não ultrapassam

a esfera do psitacismo dialéctico, dentro do restrito domínio do hedonismo conceptual. Se ser filósofo quer dizer comprazer-se no brinco subtil de uma nova escolástica, abstraindo do objecto humano, pelo esvaziamento de uma antropologia fundamental, Joaquim de Carvalho não foi filósofo. Mas desde as primícias da sua pesquisa intelectual e histórico-filosófica, ele demonstrou ser pensador ou investigador de ideias encarnadas, colhidas da sua própria realidade viva e vital, em qualquer época da história do pensamento, desde a Idade Média até ao século XIX. E em todos os domínios da pesquisa doutrinária: na evolução da metafísica tradicional e escolástica, na libertação da reflexão livre do Humanismo, na história da ciência moderna, do racionalismo cartesiano, da filosofia das Luzes, do idealismo alemão, correntes de que tinha um conhecimento profundo e amplo, e com as quais sabia relacionar, de maneira científica (isto é, com *ostinato rigore*, os autores portugueses que mais amava, de Francisco Sanches a Verney, de Ribeiro Sanches a Antero de Quental. Já nos seus primeiros trabalhos ele se propõe dar do pensamento português uma visão histórica harmoniosa, um quadro histórico que, até ele, não existia. É verdade que Joaquim de Carvalho não pôde debuxar-nos, de maneira orgânica, a história do pensamento nacional, embora nos tenha deixado trabalhos importantíssimos para um tal debuxo, que só poderá ser efectivado por um grupo de estudiosos (historiadores, filósofos, filólogos) da civilização portuguesa. Se algum dia houver que escrever-se uma história da filosofia em Portugal, os que se abalancarem a isso encontrarão já, nos trabalhos do professor de Coimbra, as bases para um tal edificio».

Nestas palavras encerra-se um juízo altamente positivo, elogioso e correcto do valor e merecimento da obra de Joaquim de Carvalho e uma interpretação cabal do peso real do seu pensamento filosófico. A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra teve, indiscutivelmente, na pessoa do mestre figueirense um dos maiores obreiros da elaboração de um edificio solidamente erguido no domínio filosófico-cultural.

Outro aspecto posto em evidência pelo Prof. Pina Martins reporta-se ao papel que desempenhou como mestre e orientador de discípulos. Para logo de seguida aludir à nota de patriotismo que emoldurava o seu espírito, ao carácter dialogante que sempre manifestava nos seus actos e à maneira como encarava a sociedade e os homens. Racionalista e aberto aos anseios sem fronteiras do espírito, tinha uma simpatia acentuada pelos grandes pensadores da liberdade humana, como Espinosa, Galileu, Francisco Sanches, Newton, Locke, Leibnitz; e consequen-

temente pelos seus discípulos portugueses que terçaram armas num plano especulativo, mais concreto, do reformismo pedagógico e institucional, tais como Verney e Sanches.

Na área da investigação científica, da pesquisa e da história do pensamento e da cultura, Joaquim de Carvalho manifestou igualmente as suas preferências por autores que tiveram uma influência decisiva na marcha do reformismo e da evolução do pensamento, começando por Platão, cujo *Fédon* admiravelmente prefaciou, e continuando por António Gouveia, Francisco Suárez e Leão Hebreu. Embora não tivesse conseguido erguer o monumento que idealizara de uma verdadeira história da filosofia em Portugal, contudo não há dúvida que nas suas «importantes contribuições bibliográficas, dispersas em numerosíssimos ensaios, artigos, recensões» se encontra «uma ache-ga de valor inestimável para que um dia investigadores competentes possam realizar, em trabalho de grupo, o que não pôde um homem só mesmo tão extraordinário como Joaquim de Carvalho».

E o Prof. Pina Martins escreve ainda a respeito do insigne mestre: «Ele foi, porventura, no século XX, o mais lúcido investigador da nossa civilização. Não obstante, um silêncio imerecido tem passado sobre o seu nome e os seus escritos. Pela direcção filosófica da sua cultura — a sua *forma mentis* era, além disso, marcada pelo seu curso de Direito —, pôde aprofundar fecundamente a história das nossas instituições, cujo debuxo compôs com uma intuição e um método que não excluem nem rigor nem problemática. Pela sua intimidade com os humanistas do século XVI, deixou-nos contributos valiosos para que um dia um historiador competente possa escrever uma história crítica, metódica, do Humanismo em Portugal».

O prestígio de Joaquim de Carvalho ultrapassou as fronteiras portuguesas, tendo recebido as mais claras provas de estima e apreço por parte de estudiosos de Itália, França, Espanha, Estados Unidos e Holanda. Marcel Bataillon muitas vezes testemunhou ao Prof. Pina Martins a maior admiração pelo mestre conimbricense. E aquando da sua morte investigadores de reconhecida categoria como Eugenio Garin, Michel Federico Sciacca, Léon Bourdon e Julián Marias e tantos outros exprimiram o seu grande pesar pelo desaparecimento de Joaquim de Carvalho.

Também em Portugal personalidades de elevada craveira, como Jaime Cortesão, António Sérgio, Vieira de Almeida entre outros, fizeram sentir quanto representava a perda do insigne mestre e homem de cultura.

A publicação da obra de Joaquim de Carvalho foi estabelecida em cinco grandes capítulos gerais: I. Filosofia e História da Filosofia; II. História da Cultura; III. História da Ciência e Crítica; IV. Pensamento Político; e V. Fragmenta ac Minora.

No vol. I aparecem os trabalhos filosóficos e histórico-filosóficos publicados entre 1916 e 1934, ano considerado em que atingiu a sua maturidade intelectual, quando contava 42 anos de idade. Tratam eles da seguinte temática: António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença — António de Gouveia e Pedro Ramo, A Teoria da Verdade e do Erro nas *Disputationes Metaphysicae* de Francisco Suárez, Leão Hebreu, Filósofo (Para a história do Platonismo no Renascimento), Estudos sobre as Leituras Filosóficas de Camões, Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média, Discurso na Academia das Ciências de Lisboa, Sobre o Lugar de Origem dos Antepassados de Baruch Spinoza, Montaigne na História da Filosofia, Antero de Quental e a Filosofia de Eduardo de Hartmann.

No vol. II foram incluídos os estudos publicados entre 1939 e 1955 que abrangem os títulos: Descartes e a Cultura Filosófica Portuguesa, Oróbio de Castro e o Espinosismo, Sobre a Origem da Conceção da Inconsciência de Deus em Antero de Quental, Evolução da Historiografia Filosófica em Portugal até Fins do séc. XIX, Introdução ao *Fédon* de Platão, Gomes de Lisboa e o Averroista Nicoletto Vernia, Introdução à *Ética* de Espinosa, Introdução ao *Ensaio Filosófico sobre o Entendimento Humano* de John Locke, Saber e filosofar, Introdução à *Metafísica* de Aristóteles, Nas Comemorações do Quarto Centenário do Nascimento de Francisco Sanches, Hegel e o Conceito de História da Filosofia, Introdução à *Filosofia como Ciência de Rigor* de Husserl, Os *Opera Philosophica* de Francisco Sanches.

O vol. III, consagrado à história da cultura, inclui igualmente dois tomos. No primeiro alusivo a 1922-1948 são apresentados os trabalhos de Joaquim de Carvalho: *Discours pathétique do Cavaleiro de Oliveira* — Notícia bibliográfica, Fr. Heitor Pinto e Fr. Luís de Leon, Uma Epístola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo, Dois Inéditos de Abraham Zaccuto, Uma Epístola de Isaac Abrabanel, Instituições de Cultura — Período Medieval (três estudos, Cultura Filosófica e Científica — Período Medieval), Instituições de Cultura — Século XV, A Actividade Científica da Universidade de Coimbra na Renascença, Os Descobrimentos e a Acção Colonizadora dos Portugueses como Factores do Progresso Científico e da Civi-

lização, A Influência dos Descobrimentos e da Civilização na Morfologia da Ciência Portuguesa do Séc. XVI, o Pensamento Português da Idade Média e do Renascimento, o Livro «Contra os Juízos dos Astrólogos» de Frei António de Beja e as suas fontes Italianas, Galileu e a Cultura Portuguesa sua Contemporânea, A Escola Capitular de Guimarães e a Legacia do Cardeal João de Abavila, A Cultura Castreja — Sua Interpretação Sociológica, Teófilo Braga, A Livraria de um Letrado do Século XVI — Fr. Diogo de Murça, Monumentos da Cultura e da Arte Tipográfica Portuguesa no Século XVI Existentes na Biblioteca de D. Manuel II.

O vol. IV, também sobre história da cultura, abrange o período que decorre entre 1948 e 1955. Escreveu então Joaquim de Carvalho os estudos que passamos a indicar: Sobre o Humanismo Português na Época da Renascença, Os Sermões de Gil Vicente e a Arte de Pregar, A Propósito da Atribuição do *Secreto de los Segretos de Astrologia* ao Infante D. Henrique. Sobre a Erudição de Gomes Eanes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste cronista), Sobre a Autenticidade dos Sermões de Fr. João Xira, Leibnitz e a Cultura Portuguesa, Manuel Fernandes Tomás Jurisconsulto, Livros de D. Manuel II — Manuscritos, Incunábulos, Edições Quinhentistas, Camoniana e Estudos de Consulta Bibliográfica, Morte e Imanência no Pensamento de Antero de Quenal, e Evolução Espiritual de Antero.

O vol. V respeita à História e Crítica Literárias e à História da Ciência e engloba os trabalhos de Joaquim de Carvalho publicados entre 1925 e 1975 sobre: Camões e a Consciência Nacional, Frei Heitor Pinto, Frei Amador Arrais, Frei Tomé de Jesus, Uriel da Costa, Antero de Quental, Eugénio de Castro, Teixeira da Pascoaes, Dois Prefácios (*Geografia Literária*, de José Osório de Oliveira; e *Os Vencidos da Vida*, de Manuel da Silva Gaio), A Alma Portuguesa, Homenagem a Investigadores Portugueses (vários), Evocação Literária de Temas Filosóficos, Actividade Intelectual no Brasil, e Limites do Ensaísmo; e O Ideal Moderno da Ciência, Pedro Nunes, Newton e o Ideal da Ciência Moderna, João de Castro Sarmento et l'Introduction des Concepts de Newton en Portugal, e João Jacinto de Magalhães.

Trata-se de estudos notáveis sobre uma temática variadíssima, merecendo ao seu autor alguns mais atenção do que outros. Mas no fundo, sempre a mesma preocupação de rigor e de análise séria dos problemas e das personalidades em causa.

Quanto ao vol. I, salientamos o estudo sobre António de Gouveia e o Aristotelismo da Renascença — António de Gouveia

e Pedro Ramo, A Teoria da Verdade e do Erro nas *Disputations Metaphysicas* de Francisco Suárez, Leão Hebreu, Filósofo (Para a história do Platonismo no Renascimento e Estudos sobre as Leituras Filosóficas de Camões). Em todos eles deparamos com considerações muito desenvolvidas e carregadas de objectividade que nos permitem penetrar no espírito dos autores estudados e ver o alcance filosófico-cultural que encerram as suas obras.

O vol. II contém valiosos trabalhos sobre Descartes, Oróbio de Castro, o Espinosismo, Locke e Francisco Sanches, Aristóteles e Platão, Hegel e Husserl. A terminar a sua magnífica introdução a este vol. II, escreve o Prof. Pina Martins, comentando o labor histórico-filosófico de Joaquim de Carvalho: «O conjunto é, não obstante, do mais inovador, do mais importante que algum dia nos ofereceu um pensador português, preocupado ao mesmo tempo com a pesquisa gnoseológica, com o respeito pela documentação histórica e pela limpidez, correcção e elegância da escrita literária».

O vol. III encerra estudos de grande valia sobre Fr. Heitor Pinto, Nicolau Clenardo, Isaac Abrabanel, as Instituições de Cultura, Fr. António de Beja, Fr. Diogo de Murça e D. Manuel, estes dois últimos considerados no concernente às suas bibliotecas.

Do vol. IV salientamos os contributos sobre Eanes de Zurara, Gil Vicente, o Humanismo, Leibnitz, Fernandes Tomás e Antero. Lembrando-nos mais uma vez das palavras do Prof. Pina Martins, diremos: «Nunca, no século XX, se escreveram, entre nós, trabalhos de mais rigor e de maior riqueza de ambição, de mais limpidez literária e de maior sensibilidade».

Fr. Heitor Pinto, Antero, Teixeira de Pascoaes, Luciano Cordeiro, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, Agostinho de Campos, Virgílio Correia, Egas Moniz, Ricardo Jorge e Carlos Eugénio Correia da Silva, Pedro Nunes, Castro Sarmiento e João Jacinto de Magalhães — eis algumas das personalidades abordadas pelo ilustre mestre nos trabalhos incluídos no vol. V.

Todos os volumes são precedidos de introduções primorosamente elaboradas pelo Prof. Pina Martins, nas quais, muito para além da descrição dos estudos faz uma análise pormenorizada dos mesmos e situa-os no contexto intelectual português. São introduções valiosíssimas e reveladoras da grande bagagem científico-cultural que possui.

No final de cada volume encontra o leitor a indicação das fontes dos textos apresentados.

Não há palavras que possam traduzir a satisfação que sente o investigador ao ver reunida a obra de Joaquim de Carvalho.

*Revista de História das Ideias*

A Fundação Calouste Gulbenkian que em boa hora resolveu incluir esta publicação na série «Cultura Portuguesa» é devida uma palavra de felicitação e muito reconhecimento. Ao Prof. Pina Martins, Director do Serviço de Educação daquela instituição, exprime-se a viva admiração e elevado apreço pela forma como planeou tão importante edição.

*Manuel Augusto Rodrigues*